

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2018v21n2p245>

LATOUR, Bruno. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

Guilherme de Matos Floriano¹

¹Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, Brasil

Mapeando Controvérsias: uma resenha

É moderno quem foge de um passado em que a verdade dos feitos e as ilusões dos valores se misturam de um modo inextrincável; é moderno quem pensa que, em um futuro próximo, a Ciência finalmente vai se apartar, de forma completa, da confusão arcaica com o mundo da política, dos sentimentos, das emoções, das paixões. (LATOUR, 2016, p. 111)

Outra conhecida, a epistemologia proposta pela sociologia das ciências de Bruno Latour ganha dimensões mais didáticas com uma de suas últimas publicações no Brasil, *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Este trabalho consiste em uma reunião de seis cartas trocadas entre o autor e uma estudante alemã que, por motivos não explícitos, não consegue cursar suas aulas, mas sana dúvidas sobre sua proposta teórica com o professor por meio dessas cartas.

Latour nos esclarece possíveis dúvidas acerca de seu pensamento e explicita, mais uma vez, seus principais conceitos: rede, controvérsias, provações, entre outros. Com a leitura deste livro fica, definitivamente, mais abrangente sua proposta no sentido de possibilitar a utilização de seus paradigmas na investigação de diversos fenômenos que não apenas os relacionados aos laboratórios e às ciências chamadas *hard*, como se poderia pensar. Trata-se de uma elucidação metodológica, se assim podemos nos referir.

Na sua primeira carta, Latour começa por retomar uma de suas principais inquietações, apontando para a necessidade de questionarmos a autonomia das ciências e das técnicas que, no paradigma moderno, é o que lhes confere veridicidade e eficácia. Assim, o autor nos coloca, de imediato, que tal proposta não deve se limitar às ciências naturais, mas também às sociais e à economia. Como destaca, devemos transformar o que normalmente serve de explicação naquilo que deve ser explicado (LATOURE, 2016, p. 17) e, para tanto, salienta a importância da manutenção de um diário de bordo de uma investigação em três “passos”: 1º) investigação simples recorte de documentos; 2º) investigação profunda; e 3º) investigação para tecer comentários. Portanto, a sociologia das ciências deve considerar toda a obra e não somente partes; por isso, devemos estar atentos ao movimento de desvio e de composição dos fatos científicos, o movimento da tradução, um de seus mais fundamentais conceitos, que consiste em transportar ideias transformando-as pelo interesse – o entre duas coisas (inter-esse).

Na segunda carta, o autor enfatiza a importância de todas as ciências nessas análises e ressalta que tudo que destaca a atividade dos especialistas (científicos e técnicos) deve ser anotado no diário de bordo, afinal não existem fronteiras bem definidas entre ciências e técnicas. Deve-se, em vista disso, anotar absolutamente tudo o que acontece em situação de pesquisa: o momento em que os computadores dão problemas, os celulares, os problemas ocorridos no espaço de pesquisa mais diversos, etc. Pois assim é que se tornará evidente o percurso da dependência das técnicas. O conceito aqui mobilizado é o de provação que pode, assim, revelar o movimento do desvio, na medida em que apenas denotamos os mediadores (como o computador, por exemplo) entre nós e nossos trabalhos, quando estes geram algum problema ou mau funcionamento. O que isso quer dizer é que a prova é o que nos torna conscientes dos materiais que envolvem o cumprimento de determinadas ações (LATOURE, 2016, p. 49). Assim, todo movimento de composição (associação, invenção) de uma técnica é contrabalanceado por um movimento de desvio (substituição), ou seja, tal percurso jamais é retilíneo, pelo contrário, o caminho dos desvios e das traduções é bastante extenso. “Materializar é socializar, socializar é materializar”

(LATOURE, 2016, p. 63), disso sobressai a indiferenciação entre a ação humana e o uso das técnicas, a passagem pelas ciências e a invasão da política, sobretudo quanto mais formos avançando e intensificando o uso de tais ações.

Seguir uma técnica, ou uma ciência, implica vê-la em ação e seguir seu curso, suas mudanças para, por fim, ir para a técnica em si. O que cumpre é encontrar os falantes dos enunciados. Para seguir controvérsias, seu terceiro conceito aqui abordado, devemos encontrar quem são os falantes de cada discurso, relacioná-los com sua condição de produção, sem que os discursos flutuem e, por isso, devemos diferenciar o *dictum* do *modus*, quer dizer, diferenciar o enunciado do discurso sobre o discurso (que acaba por modificar o enunciado). As sentenças devem ser colocadas como “balões” de fala das histórias em quadrinhos, como as etiquetas de uma marca de roupa em uma determinada peça à venda, carecemos modalizar o discurso. Todas as posições possíveis são, portanto, controvérsias. Um enunciado tomado como correto é apenas o final de uma controvérsia (LATOURE, 2016, p. 81), afinal, o indiscutível parte do discutido. Cartografar uma controvérsia – ou, no limite, quaisquer enunciados – implica localizar absolutamente todos os movimentos entre a dúvida radical e a certeza indiscutível, o que é mais complicado quanto melhor for o trabalho de tradução, uma vez que este último tem como tarefa fazer os desvios desaparecerem. Em pesquisas bibliográficas, o procedimento é o mesmo: seguir os rodapés, as instituições financiadoras de pesquisas, as instituições de pesquisa, as citações, os autores, todas as camadas de enunciados dos textos e artigos. Por fim, nesta terceira carta, Latour retoma as contradições do paradigma moderno e retoma sua ideia de que as barreiras não são intransponíveis, pelo contrário, não existem lados separados, mas múltiplas ramificações, retórica e demonstração constituem dois ramos de eloquência, portanto, as ciências envolvem o passado, o futuro e a política, e as nossas descrições devem acompanhar as situações mais diversas nas quais ciências e técnicas fazem parte.

Assim sendo, traçar toda essa rede que Latour propõe, tornando perceptíveis as associações e os duelos lógicos, é o que ele define como cosmogramas. O universo, em sua visão, é composição metafísica de

cosmos, ao contrário de uma realidade ontológica – sua colocação contrária à *res extensa* – o que significa dizer que cada cosmo é um arranjo de seres em torno de uma cultura particular e que reúne em formas de vida prática. O que nos cabe, agora, é reconstruir os cosmogramas, descrever as associações, as oposições, as exclusões entre humanos e não humanos sem que coloquemos em oposição o racional e o irracional. Assim, o laboratório conserva algo do ateliê do artesão, da cozinha do cozinheiro e até do escritório; é onde a experiência e a experimentação se encontram e do primeiro se passa ao segundo, dando origem ao instrumento.

Na penúltima carta, Bruno Latour aponta para a insustentabilidade da Demarcação. Não há mais maneiras de separarmos o que é racional do que é irracional. Segundo ele, isso só seria possível quando a política e a ciência estavam em lados opostos da barreira, seria possível sem a existência de instituições híbridas que conservam um pouco das leis, da administração, da política, etc. Portanto, a Demarcação não se sustenta, e as controvérsias estão garantidas – por elas devemos navegar. Quando utilizamos adjetivos “indiscutível”, “evidente”, para Latour, estamos cometendo equívocos, afinal tudo é revisável e o pensamento e o cálculo devem ser coletivos – *cogitamus* e *calculamus*. Outrossim, constitui-se o que Latour chama de Multiverso: distinguir as composições dos mundos e “[...] forçar cada parte a explicitar seu cosmos” (LATOURE, 2016, p. 160). As perguntas, os problemas – *matters of concern* – importam mais que os fatos – *matters of fact*. Os cosmogramas devem ser descritos sem que haja – pois não há – esferas da ciência e da política em separado: as questões fazem parte da cosmopolítica. Utilizando emprestado o conceito de Isabelle Stengers, quando ela afirma que a cosmopolítica deve reunir cientistas, políticos, ativistas, consumidores, etc. para compartilhar incertezas e representações para, em seguida, seguir as controvérsias – aqui remonta sua antiga ideia de parlamento das coisas bem delineadas em *Jamais fomos modernos*. Portanto, *cogitamus* é a defesa em oposição ao *cogito*.

Por fim, assegura não haver distinção entre ciências *hard* x *soft*; afirma não termos como separar a objetividade neutra da subjetividade de um *cogito* frio; e, dessa forma, indica que o grande problema é

enfrentarmos a questão da natureza. De acordo com o debate em voga na chamada virada ontológica – da qual Latour é um dos principais precursores – ele destaca que a natureza não é universal, pelo contrário, o multiverso é plural e composto. Precisamos, então, de uma natureza que não a Natureza com N maiúsculo. A solução encontrada é a ideia de meio ambiente (*umwelt*) de Uexküll: uma espécie de bolha criada em volta dos seres, da qual se pode extrair seus sinais subjetivos “portadores de significação”, mas que possuem objetividade no mundo. Essa é a maneira, segundo Latour, pela qual poderemos escapar da oposição subjetivo x objetivo; é um local onde não há *res extensa*; um local comum de todos os seres vivos; no qual o universo é uma parte do multiverso. É nesse *umwelt* que as ciências devem se aprofundar, desconfiando, sempre, do materialismo, do naturalismo e do reducionismo. A continuidade sendo composta, ou seja, marcada por movimentos de tradução (tradução = desvio + composição), não é dada de antemão; portanto, não há continuísmo. Descontinuidade é a chave: devemos seguir os desvios.

Recebido em 12/06/2019

Aceito em 13/06/2019

Guilherme de Matos Floriano

Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) com bolsa CAPES. Mestre em ciências sociais pelo mesmo programa também com bolsa CAPES. Licenciado em ciências sociais pela UNESP (FCLAr). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea (GEPAC), desenvolve pesquisa na área de Antropologia tendo como objeto o Programa Bolsa Família, a partir dos conceitos de simetria, mediação e reciprocidade.

Endereço para correspondência: Universidade Estadual Paulista. Rua Quirino de Andrade, n. 215, Centro, São Paulo, SP. CEP: 01049-010.

E-mail: guilherme.mfloriano@hotmail.com